

“Aumentar o Espaço Interior de Dúvida Optativa”

Graça Galamba

Resumo

Pretendo partilhar as minhas reflexões e inquietações actuais sobre:

1) Qual o papel que o pensamento psicanalítico pode ter, e quer ter, na construção da sociedade post pandemia: Como preservar e desenvolver a “**humanização**” do humano, numa sociedade que se prevê cada vez mais digital?

2) Como aumentar a **democratização** no acesso à terapia e ao ensino da Psicanálise, e na gestão das sociedades psicanalíticas? Faz sentido a proliferação/pulverização “recente” de sociedades psicanalíticas, num país tão pequeno como o nosso? A sobrevivência da Psicanálise, numa sociedade que vai ser drasticamente mais pobre, não terá que passar por uma **sinergia de recursos**? E esta será possível?

Palavras-chave: Humanização; Democratização; Sinergia de Recursos

Nota prévia 1 – As ideias expressas neste artigo foram apresentadas oralmente no Colóquio “Psicanálise no Século XXI”, este ano subordinado ao tema: “Psicanálise e Crise”, organizado pelo ISPA, e que decorreu em 23 e 24 de Outubro 2020.

Nota prévia 2 – Quero deixar claro que, apesar das funções que desempenho na Associação de Psicanálise Relacional, as opiniões expressas são a título pessoal e não em representação da PsiRelacional.

Introdução

Pedi emprestado o título da minha comunicação – “Aumentar o Espaço Interior de Dúvida Optativa” – ao Dr. João Azevedo e Silva, que foi meu grupalista e psicanalista, hoje um amigo, meu mestre sempre.

Para mim, esta sua frase expressa magistralmente o que constitui o objectivo da psicanálise, na sua vertente terapêutica: aumentar, no indivíduo, as suas capacidades de reflexão sobre si próprio e sobre o mundo, a capacidade de interrogação, de incerteza e de procura, de conhecimento intra, inter e trans subjectivo, que permita escolhas sobre a acção/intervenção que quer ter, na sua vida e na realidade que o envolve, e o fortalecimento dos recursos de que dispõe para tal.

Considero que esta capacidade de reflexão, específica do ser humano, só se adquire no e pelo contexto cultural, ou seja na relação com os outros humanos, numa matriz cultural inicialmente restrita que se vai progressivamente alargando. No nosso contexto socio cultural, geralmente segue o caminho: família, escola, trabalho, associações, partidos, igrejas, etc.

Neste percurso podem ocorrer vicissitudes diversas impeditivas do desenvolvimento, quer enredado em antigas desconhecidas teias, quer à mercê de manipulações externas que não discerne.

A psicanálise tem aqui um papel crucial no desenovelar dos novelos, libertando o indivíduo, permitindo-lhe, através da revivência na relação terapêutica de sentimentos e memórias implícitas não mentalizadas e ali mentalizáveis, fazer-se a si próprio e agir criativamente, construtivamente sobre a matriz cultural em que está inserido, num processo dialético em que cada uma das partes se faz pela outra e faz a outra.

Dou um especial ênfase a “...dúvida **Optativa**”, pelo que a palavra expressa a necessidade de “agência”, esta capacidade de escolha que leva à acção sobre a realidade envolvente - física, social e cultural - porque acho que esta dimensão é frequentemente descurada no processo terapêutico, como se a psicanálise se devesse abster desta parte do ser humano, ficando apenas pelo conhecimento de si e do “Outro”.

A Pandemia

Actualmente, debatemo-nos com esta pandemia, que nos dizem que aumentou a nossa incerteza e a nossa vulnerabilidade. Pessoalmente, acho que o que aumentou foi apenas a nossa consciência delas. Apesar de vivermos numa época em que quer a ciência quer as tecnologias nunca estiveram tão avançadas e nos permitem ser menos impotentes, a pandemia, e a forma como tem sido comunicada, (uma informação que, frequentemente, não gera conhecimento nem da realidade nem das pessoas) confrontou-nos mais conscientemente com a angústia de morte.

Quais foram as reacções mais imediatas?

Por um lado, negação e paralisção, por outro acção onipotente. Uns quase pararam a vida, outros continuaram-na como se nada fosse.

Uns deificam as tecnologias como se fossem salvadores mágicos onipotentes, agarram-se a elas com uma ilusão de controle da incerteza e da mudança desconhecida. (Não foi esse o papel das religiões?) Outros diabolizam-nas como ameaças destruidoras do humano (que poderão ser se ficarmos apenas hábeis utilizadores e executantes não pensantes).

Em que ficamos? Teremos a capacidade de as utilizar a nosso favor, como um recurso necessário e facilitador? Vamos pô-las ao serviço da humanidade? Ou vamos nós adaptar-nos a elas, pondo em perigo o que de mais humano há no humano – a relação e a reflexão – robotizando-nos a nós?

Mas vamos com elas substituir as relações presenciais? Dando o exemplo da escola e do trabalho: será possível online viver/experienciar as invejas, rivalidades, conflitos? E as alianças, solidariedades e amizades que se passam nesses espaços? Não teremos de ser também criativos para arranjar formas de as preservar?

Mais ou menos o mesmo se passa em relação à ciência – ou a idealizamos e lhe atribuímos um papel onnipotente, ou a desvalorizamos considerando-a totalmente impotente.

Além disto, penso que temos estado demasiado centrados na pandemia e na forma de reagirmos imediatamente a ela, mas os maiores danos estão para vir, a nível económico e social.

Como quando de um terramoto, num primeiro momento cuida-se dos feridos, enterram-se os mortos e ajuda-se os vivos a sobreviver. Mas, num segundo momento, começa-se a reconstruir ou, melhor dizendo, a construir de novo. Estaremos suficientemente conscientes, nós psicanalistas, e a prepararmo-nos para esse futuro que nos espera?

Perante os medos, as angústias e os perigos a que estamos sujeitos, mais do que nunca é necessária a reflexão que procura esclarecimento. Como preservar e desenvolver o “humano” no ser humano?

Talvez possamos sair dos dualismos redutores costumeiros e pôr em prática as capacidades de integração e transformação que nos caracterizam. Talvez possamos deixar o “Eu vs Nós”, o “Indivíduo vs Colectivo” e responsabilizarmo-nos uns pelos outros, uns com os outros.

Sem dúvida, sempre desenvolvendo a capacidade de reflexão na inter-relação, levando a uma acção esclarecida.

Qual o papel que a Psicanálise pode ter?

Durante mais de 30 anos, trabalhei numa grande multinacional de bens de consumo. Frequentemente e em várias áreas, para entendermos a realidade e para sabermos como actuar e como construir o futuro, fazíamos uma “Análise SWOT” (**S**trengths, **W**eakenesses, **O**pportunities, **T**hreats). Resolvi aplicá-la agora à Psicanálise.

Que pontos fortes?

1 - A sua teoria compreensiva do desenvolvimento e do funcionamento humano. E não me refiro apenas à psicanálise Freudiana, refiro-me a toda a evolução que o pensamento psicanalítico foi sofrendo até aos dias de hoje.

2 - A sua “visão” sobre a Humanidade, quer numa perspectiva do que está subjacente e constante ao longo da História, quer em perspectivas sobre o que se vai passando em diversas actualidades, sobre os temas fracturantes na sociedade actual.

3 - A sua aplicação psicoterapêutica, também ela sujeita a grande evolução no âmbito das situações a que se aplica e consequentes adaptações técnicas.

Que pontos fracos?

Considero principalmente três:

1 - Primeiro ponto fraco: um certo elitismo e esoterismo imbuído na cultura psicanalítica. Cultivou-se e defendeu-se o psicanalista enfiado no seu consultório, à parte da realidade envolvente, com um conceito de neutralidade que o tornava o mais invisível e silencioso possível, excepto no espaço público analítico. Felizmente houve honrosas excepções (para além do próprio Freud). Estou a pensar, cá em Portugal, em Eduardo Luís Cortesão, em Carlos Amaral Dias, em João Azevedo e Silva, etc, que tornaram explícitas as suas posições políticas, sociais, etc.

Onde estão hoje em dia, cá em Portugal? Onde está o pensamento psicanalítico, ou as vozes, diversificadas, dos psicanalistas, **divulgados fora do meio**, sobre os temas com que as pessoas e a sociedade se confrontam actualmente?

2 - Segundo ponto fraco: a fragmentação do pensamento psicanalítico /proliferação de escolas, principalmente num país tão pequeno como o nosso. Com base na teoria psicanalítica contei pelo menos sete associações diferentes e todas com sede na área de Lisboa: SPP; SPGPAG; PSI-RELACIONAL; POIESIS; APPP; Psicodrama Psicanalítico de Grupo; APPSI...

Quais as razões subjacentes? Justifica-se? Faz sentido?

3 - Terceiro ponto fraco: os custos elevados da formação e das terapias., que limitam o acesso apenas a segmentos privilegiados da população.

Quanto à formação, pelas minhas contas, entre a quota, a propina, a análise pessoal e a supervisão, custa, no mínimo cerca de 500 euros por mês.

Este custo agrava-se substancialmente quando os candidatos são de fora de Lisboa. Quem tem acesso, tendo em conta os vencimentos, já não digo mínimos, mas médios do nosso país?

Quanto ao acesso à psicoterapia - psicanálise/ psicoterapia psicanalítica - algumas sociedades psicanalíticas criaram institutos ou clínicas sociais onde o custo é mais acessível, para quem não tem condições financeiras.

É um passo, mas queremos uma solução assistencial ou queremos uma mudança estrutural?

Que oportunidades? (cá em Portugal)

Vejo principalmente duas:

- Maior tomada de posição, numa perspectiva do pensamento psicanalítico, numa linguagem não esotérica e nos meios comuns, sobre temas, alguns fracturantes, do mundo actual, p. ex: migrantes, refugiados, racismos, injustiças sociais, direito à morte assistida, sexualidades (afinal foi sobre ela que Freud mais “chocou” à época), etc.

- Numa altura em que tantos veem como absolutamente necessárias para a sobrevivência da humanidade a colaboração, a união de esforços e recursos, entre nações, comunidades, instituições, etc. **Penso que é tempo de as Sociedades Psicanalíticas fazerem o mesmo: unirem esforços e recursos, de forma a democratizar o acesso quer á formação, quer à terapia, sem perda da exigência de qualidade.**

A proposta que deixo é que se possa criar um Instituto ou Escola de formação psicanalítica conjunta, com um tronco inicial que é comum a todas, a teoria psicanalítica de base, e depois com aprofundamentos da teoria e técnica específicas de cada uma.

Permitiria uma sinergia de recursos quer financeiros, quer pessoais, e uma mais fácil especialização em mais do que uma área (coisa que já alguns de nós vão fazendo, mas com muito maiores custos, financeiros e de tempo).

Portanto, uma formação mais barata, sem diminuição da exigência de qualidade, muito pelo contrário, e dando acesso a muito mais interessados.

E também com maior possibilidade de extensão a outras áreas do país.

Que ameaças, obstáculos?

Os interesses individuais sobrepõem-se aos colectivos. As necessidades narcísicas de poder, estatuto, protagonismo, etc, impedirem a conjugação de esforços.

Penso que, se as sociedades psicanalíticas não caminharem neste sentido, é muito possível que a Academia se adiante e aproprie pelo menos da formação teórica.

Em conclusão

Defendo que a Psicanálise não pode ficar confinada à sua vertente terapêutica, tem que ter e expressar uma visão do mundo e posições em relação aos problemas da sociedade actual e em relação ao futuro.

Com ambas, poderá contribuir para a preservação da essencial inter-relação humana e das capacidades humanas de reflexão e acção sobre si próprio, os outros e o mundo envolvente.

Defendo que o pensamento psicanalítico devia acabar com a sua história de fragmentação e caminhar para uma forma de integração de variantes enriquecedoras.

Defendo que é necessária a democratização do acesso, quer à formação, quer ao processo terapêutico, e que para isso é exigida uma mudança estrutural, de forma a que não fique apenas restrito a quem tem poder financeiro.

Pode ser uma utopia. Pode.

Mas, se não houver o sonho e o desejo, como haverá o progresso?